

A REVOLTA DA CACHAÇA

ANO: 7º ano do ensino fundamental II

UNIDADES TEMÁTICAS: A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano

OBJETOS DE CONHECIMENTO: A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação.

HABILIDADE BNCC PRINCIPAL: (EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.

DURAÇÃO: 100 minutos.

OBJETIVO DO PLANO: Este plano de aula foi formulado com base nas habilidades da BNCC, mais especificamente a habilidade **EF07HI10**, que visa analisar e interpretar diferentes fontes documentais, a fim de que se compreenda algumas das dinâmicas da sociedade colonial, por exemplo, a aprendizagem sobre revoltas no período colonial. O estudo de revoltas coloniais, como reconhece o currículo mínimo do Rio de Janeiro, permite compreender a complexidade da sociedade colonial, pois nesses movimentos observa-se as constantes disputas de poder e os elementos intrínsecos desse período. Todas as atividades foram elaboradas para que os alunos compreendam como se dá o processo científico de construção do saber histórico, respeitando, na medida em que realizam as atividades, minimamente as metodologias da História enquanto ciência.

PÚBLICO ALVO: Esta aula foi elaborada para alunos do 7º do ensino fundamental II, ou seja, adolescentes na faixa etária de 12 anos, portanto, as atividades foram pensadas e adaptadas a linguagem desses jovens. É importante destacar que, para que se evite uma aula integralmente expositiva e engessada, os conteúdos não necessariamente deverão seguir um roteiro rígido de aplicação. A aula será aplicada

de maneira crítica e horizontal, ou seja, valorizando as discussões levantadas pelos alunos, a fim de que a aula se torne a mais dinâmica e propositiva possível. O conteúdo, os debates e as atividades foram pensados para serem trabalhados com as turmas em duas aulas de 2 tempos de 50 minutos cada, o que permitiria ao professor explorar os principais aspectos da revolta da cachaça e a discussão elaborada sobre os documentos que serão distribuídos aos alunos. Além disso, as aulas foram dispostas em 2 momentos; no primeiro, será a apresentação da Revolta da cachaça, como forma de situar os alunos no tema e orientá-los para o segundo momento da aula, que consiste na análise de documentos.

Recursos: Projetor, materiais impressos e exposição oral

Objetivos específicos:

- Rebeldes ou Leais? Compreender, a partir da Revolta da Cachaça, uma das características das revoltas no Antigo Regime quanto às ações do povo ligadas a fidelidade ou não às autoridades políticas
- Queixas e Contestações: analisar as principais reivindicações que motivaram a rebelião.
- Castigo: analisar a forma violenta e exemplar como se deu a resolução do conflito a partir da análise da pena capital aplicada a Jerônimo Barbalho.
- Analisar documentos históricos acerca da revolta da Cachaça.

Metodologia:

- Organização da aula em dois momentos: primeiro, sobre a apresentação do tema e, segundo, a análise de documentos.
- Analisar a revolta da cachaça a partir de três eventos de destaque. Primeiro, discutir com os alunos sobre a fidelidade ou não dos amotinados às autoridades políticas, destacando os momentos de manifestação pública dos levantados e o que algumas autoridades metropolitanas disseram sobre os eventos. Em segundo lugar, analisar as motivações que culminaram na rebelião, dentre elas a tributação e o isolamento do governador Salvador Correia de Sá, percorrendo também outras razões frequentes de descontentamento que provocavam as revoltas. Por fim, abordar as formas

de punição aplicadas a criminosos no antigo regime, destacando as penas de morte, a partir do exemplo de Jerônimo Barbalho. Tudo isso será abordado por meio de exposição oral e reprodução de slides.

- Explicar a concepção de direitos e justiça durante o período colonial brasileiro, bem como o funcionamento da aplicação de penas àqueles considerados criminosos. Durante o antigo regime, era dever do súdito se rebelar contra alguma autoridade tirana que poderia estar agindo em desacordo com os princípios de benevolência e justiça estabelecidos pelo rei. Isso poderá ser feito a partir da análise das ações dos amotinados, do porquê e das reações, bem como pela análise das punições aplicadas.
- Analisar os documentos que circularam durante a revolta de 1660-61 para permitir que os alunos reflitam e discutam alguns dos conteúdos apresentados na aula expressos nas fontes que narram os eventos da revolta. Neste momento da aula, a turma será dividida em alguns grupos de 5 alunos e, em seguida, serão distribuídos os documentos em folha A4 para que os educandos os analisem. Além disso, nessas folhas contém algumas perguntas relacionadas às fontes, que devem ser respondidas pelos alunos.

1) PRIMEIRO MOMENTO: APRESENTAÇÃO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA REVOLTA CACHAÇA.

A. Leais ou Rebeldes: Abordar uma das características das Revoltas durante o período colonial: povo injustiçado que se rebela contra a tirania de algum representante do poder real que contraria a benevolência do rei para com seus subordinados.

A leitura dos documentos sobre a revolta da cachaça mostra que, sempre que havia alguma manifestação, os amotinados juravam fidelidade à Coroa portuguesa, ao passo que demonstravam forte oposição às autoridades coloniais que representavam a administração real. A partir disso, discutir com os alunos o conceito de justiça, direito à rebelião e obediência no Antigo Regime. O soberano ou representante real que agisse com tirania contra seus vassallos, deveria ser deposto por tal agressão aos seus súditos, sendo isso um dever dos súditos. Isso é

explicitamente expresso nas reivindicações contrárias às medidas do governador Salvador Correia de Sá, que agiu, na concepção dos amotinados cariocas de 1660, contrário às ordens reais na medida em que aprovou impostos sem a devida autorização da câmara, sendo insensível às fragilidades financeiras dos seus governados, portanto, devendo ser deposto. Porém, algumas narrativas, como as de Salvador Correia de Sá e a do provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil Lourenço de Brito Correia, trataram o levante como contrário ao rei, inclusive como movimento que buscou romper com o domínio da metrópole portuguesa, bem como contrário à religião católica. Ou seja, seriam os rebelados leais ou vassalos? Caso fossem ambos conceitos, tais categorias referiram-se a quem? Essa discussão possibilita o diálogo e a interdisciplinaridade horizontal com a disciplina de língua portuguesa, na medida em que essa discorre o seguinte: **(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.**

B. Queixas e Contestações: Abordar as principais reivindicações expressas pelos amotinados que, de maneira geral, se voltavam contra o novo sistema de tributação e contra o governador.

A Revolta da Cachaça foi antes de tudo uma rebelião antifiscal. O Rio de Janeiro vivenciava um problema crônico em suas finanças, que tinha sido desestruturada para a manutenção da defesa militar da cidade, visto que temia-se um ataque holandês, e pelas barreiras encontradas para a comercialização do açúcar e de seus congêneres. Algumas formas de tributação haviam sido criadas para arcar com as despesas militares da cidade do Rio de Janeiro, dentre elas, a proposta pela Câmara que extinguiu a tributação sobre o vinho, permitindo a comercialização da cachaça e, conseqüentemente, a tributação sobre essa bebida. Salvador Correia de Sá aceitou essa proposta da Câmara, porém, essa forma de tributação ficou aquém do esperado. Então, o governador, em outubro de 1660, recorreu à cobrança de finta suplementar (sem consultar a Câmara), isto é, todos os moradores deveriam pagar uma taxa mensal. Este foi o estopim para a Revolta de 1660-61. Além da tirania,

Salvador Correia de Sá era acusado de praticar nepotismo, ao preencher cargos oficiais com seus familiares; despotismo, administrando o poder com arbitrariedade; de apropriar-se de recursos financeiros para benfeitoria própria; e de impedir que os colonos explorassem a mão de obra indígena.

C. Castigo: Abordar as formas de punição vigentes no período da Revolta e a forma como um dos líderes do movimento foi punido: pena capital, desagradando as autoridade régias.

Para garantir a resolução do conflito, o governador Salvador Correia de Sá, após reconquistar a cidade do Rio de Janeiro sem muita resistência, aplica algumas punições aos responsáveis pelo movimento: detenção e pena capital a Jerônimo Barbalho, considerado o líder do movimento de 1660. Além disso, J. Barbalho teve sua cabeça exposta no pelourinho da cidade. Sobre a resolução da Revolta, o rei era aconselhado a agir com misericórdia para com os rebelados, pois era uma prática daquele período para evitar que os rebeldes se levantassem novamente. Porém, também era comum aplicar uma pena rigorosa aos líderes da rebeldia para que servissem de exemplo a não ser seguido por outros. Foi a última forma de correção adotada pelo governador Salvador Correia de Sá, que desagradou a Coroa, afinal, não era bem visto a aplicação de uma pena tão cruel a um homem branco da elite senhorial. Em decorrência dessa forma de punição, vista como desnecessária pela Coroa, as autoridades reais depuseram o governador. O procedimento, doravante, para a resolução dos conflitos seria de um Rei indulgente e benevolente na resolução dos conflitos.

2) SEGUNDO MOMENTO: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS

Organização da turma:

- Divida a turma em 5 cinco grupos, de modo que fique por volta de cinco alunos por grupos, caso a turma seja grande, divida os grupos de modo que não extrapolem sete integrantes em cada grupo. Após realizada a organização da turma, distribua os documentos e as atividades, impressos

em folhas A4, para os grupos. Em seguida, solicite que cada grupo faça a leitura de um dos documentos.

- Feito os passos acima, o professor deverá solicitar que os grupos iniciem a análise depurada dos documentos. É importante que o professor deixe os alunos à vontade para realizarem a interpretação das fontes, obviamente, ele pode intervir caso algum grupo ou aluno peça alguma ajuda. Dessa forma, os alunos exercerão o que pede a habilidade **EF07HI10** e poderão construir, com base em suas capacidades mentais e pedagógicas, sua aprendizagem de modo livre e crítico, Mesmo que alguns dos alunos desenvolvam uma interpretação particular, talvez, contrária a historiografia do tema, valorize e respeite o pensamento do aluno, claro, faça um debate com ele e/ou o apresente a outras fontes e referências bibliográficas, de modo que ele se aprofunde no tema.

DOCUMENTO 1: Auto dos motivos que deram causa ao rompimento do povo contra seu governador. Publicado em FAZENDA, Vieira “Antiquilhas e memórias do RJ” In: Revista do IHGB, t. 88, v. 142, p. 496-498, 30/10/1660. Disponível em:
https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/wp-content/uploads/2021/01/CA_C1660-1-Auto-dos-motivos....pdf

- Esse documento tem por finalidade que os alunos reconheçam duas características fulcrais dessa rebelião: anti fiscal e a favor dos poder real, visto que os revoltosos deixaram claro sua fidelidade ao rei e suas insatisfações quanto à tributação. Além disso, espera-se que os alunos reconheçam as intenções de quem redigiu aquele documento, bem como destaquem as reivindicações expressas. Nesse sentido, devem, por exemplo, reconhecer a concepção de direito e justiça expressas pelos amotinados, por meio da manifestação lealdade ao Rei de Portugal e das atitudes de antipatia demonstradas ao Governador da capitania. Além disso, espera-se que os alunos lembrem-se de quando, durante o primeiro momento da aula, o professor comentou sobre o contexto da produção desse documento.

DOCUMENTO 2: Carta do provedor-mor da Fazenda do Estado do Brasil Lourenço de Brito Correia para o rei Afonso VI. Arquivo Histórico Ultramarino, 27/04/1661.

- Espera-se que os alunos notem a forma como o movimento foi visto pelos contrários à causa rebelde, demarcando a suspeita de irredentismo e traição dos mesmos ao rei Afonso VI. Além disso, que relembrem do momento inicial da primeira parte da aula, em que o professor destacou o contexto efervescente de constantes ameaças estrangeiras ao território colonial português.

DOCUMENTO 3: Notícia de um motim, no Rio de Janeiro, enviada à rainha Regente, D. Luísa de Gusmão, por Salvador Correia (Biblioteca Nacional de Lisboa.Reservados.Cód.10563/83. fl. 195-196.). Rio de Janeiro, 04/10/1661.

- A análise desse documento visa que os alunos reconheçam o processo que levou a pacificação do conflito, destacando a pena capital estabelecida por Salvador Correia de Sá a Jerônimo Barbalho e a aparente forma obediente como foi recebido pelos amotinados. Dessa forma, compreendendo também as intenções e a finalidade de quem o redigiu.

APROFUNDAMENTO:

- Espera-se que os alunos, após compreenderem a seu modo o ocorrido entre 1660-61, assumam o papel de espectador e, também, de agentes no conflito para solucioná-los, aplicando medidas que lhes pareçam justas. Essa atividade dialoga com o que pede a BNCC na medida em que o currículo comum escolar pede que alunos apliquem conceitos de ética e moral para diferentes momentos da história e diferentes povos. Além disso, espera-se que, a partir disso, os alunos consigam analisar diferentes pontos de vista e estabelecer uma noção acerca. A atividade tem por essência que os alunos demonstrem seus pontos de vista e conhecimentos acerca do tema.

(Leandro Machado, graduando no curso de História da UFF e pesquisador do projeto “Um Rio de Revoltas” – FAPERJ -CNE/2018-2021)

LEITURA E APROFUNDAMENTO NO TEMA:

Revolta da Cachaça – Rio de Janeiro | Revoltas | Impressões Rebeldes. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/?revoltas_categoria=1660-revolta-da-cachaca-rio-de-janeiro>. Acesso em: 20 jan. 2021..

CAETANO, Antonio Filipe Pereira. Entre a sombra e o sol: A revolta da cachaça, a freguesia de São Gonçalo de Amarante e a crise política fluminense (Rio de Janeiro, 1640-1667). Dissertação de mestrado em História, UFF, 2003. Disponível em: www.historia.uff.br.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Capítulo 1 - A revolta da Cachaça: Rio de Janeiro, 1660. In: **REVOLTAS, RESISTÊNCIAS ANTIFISCAIS E IDENTIDADE NA AMÉRICA PORTUGUESA MODERNA, 1640-1761**. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1996. p. 8-84.